

DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO: O PÓS-MODERNISMO, DA TEOLOGIA DA ESPERANÇA À TEOLOGIA DA NOVA ERA, E SEUS REFLEXOS NO CAMPO EDUCACIONAL

*Solano Portela**

RESUMO

Este artigo traça o desenvolvimento teológico do século 20, dividindo-o em duas partes: a primeira mostra a transição do liberalismo alemão consolidado do século 19 à teologia moderna/contemporânea. A segunda parte trata da pavimentação do caminho ao advento da teologia pós-moderna. O autor demonstra que o tema subjacente de *destruição e reconstrução* de pontos fundamentais, com um progressivo desvio dos direcionamentos bíblicos, está sempre presente na teologia moderna/contemporânea. Essa vertente pode ser vista, especialmente, em cinco escolas de pensamento teológico: Teologia da Esperança, Teologia da Libertação, Teologia Feminista, Teologia do Processo e Teologia da Nova Era. Todas elas compartilham do pensamento pós-Moderno e diminuem a Bíblia, como Palavra de Deus inerrante, enquanto, simultaneamente, retroalimentam a Teologia Pós-Moderna lançando dúvidas sobre princípios e valores eternos, bíblicos e tradicionais. As tendências que aparecem nessas reflexões teológicas são similares ao que se observa no campo da educação e algumas delas impactam profundamente o processo cristão de ensino-aprendizagem. Com uma abordagem própria à realidade, o pós-

* Graduado em Matemática Aplicada (B.A., *Magna Cum Laude*) pelo Shelton College (Cape May, Nova Jersey); Mestre em Divindade (M.Div.) pelo Biblical Theological Seminary (Hatfield, Pennsylvania); *Litterarum Humanarum Doctor* (L.H.D.) pelo Gordon College (Boston, Massachusetts). É professor-coordenador de Educação Cristã no CPAJ e professor de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, em São Paulo.

-modernismo subverteu conceitos pedagógicos chaves, diminuiu o papel do professor e submergiu escolas em uma crise de autoridade. É feito um apelo para que um sólido alicerce bíblico venha a fundamentar qualquer filosofia de educação escolar cristã.

PALAVRAS-CHAVE

Educação cristã; Construtivismo; Desconstrução e reconstrução; Piaget; Pós-modernismo; Teologia pós-moderna; Teologia contemporânea; Liberalismo teológico.

INTRODUÇÃO: PÓS-MODERNISMO É UMA FILOSOFIA?

O Dr. John Feinberg (1946-), da Trinity Evangelical Divinity School (Deerfield, Illinois), em uma de suas palestras sobre teologia contemporânea,¹ indica que o termo pós-modernismo não define uma filosofia ou teologia específica em si, mas é um entendimento da vida que questiona os postulados da modernidade, os quais considera como meras proposições dualistas simplistas. Nesse sentido, o pós-modernismo se faz presente em quase todas as proposições teológicas modernas e contemporâneas. Pelo menos, todas as correntes de teologia que aqui serão abordadas têm a sua contribuição ao ou pontos de intersecção marcantes com o pós-modernismo, tendo como característica comum a crítica ao pensamento cartesiano ou a rejeição da existência de uma verdade absoluta. O pós-modernismo, portanto, não é uma escola de pensamento que apresenta as suas próprias proposições, mas uma persuasão contemporânea que admite a coexistência pacífica de muitas assertivas. Nesse caldeirão de pensamentos, postulados pluralistas desconexos, ou até contraditórios, encontram o seu próprio espaço na arena filosófico-teológica das últimas décadas do século 20, estendendo-se até este primeiro quarto do século 21.

O propósito deste artigo é mostrar que existe uma conectividade e um tema sempre presente em *cinco* escolas de teologia moderna/contemporânea: Teologia da Esperança, Teologia da Libertação, Teologia Feminista, Teologia do Processo e Teologia da Nova Era.² Todas essas, entendemos, floresceram de-

¹ FEINBERG, John. *Contemporary Theology II – Lecture 21*. Institute of Theological Studies. Grand Rapids: Outreach Inc., 1998. Palestras disponíveis como mídia eletrônica gravada.

² Todas as citações de publicações ou livros em inglês, neste artigo, são de tradução do autor. Este artigo é baseado em pesquisas iniciadas em setembro de 2002 e continua como um projeto em andamento. Citações de documentos postados na Internet (Web) são precisas na ocasião em que os textos estavam postados. Todos os esforços foram empreendidos para acessar e atualizar os endereços eletrônicos até 6 de maio de 2021, mas uns poucos documentos podem ter sido deslocados para diferentes páginas ou sites, desde o acesso original, ou removidos inteiramente da Web, por falta de manutenção, ou por qualquer outra razão não detectável.

baixo do guarda-chuva do pós-modernismo, contribuíram com ele e abraçaram a *desconstrução* e *reconstrução* como eixo norteador do “fazer teologia”. As conclusões a que chegam refletem um sentimento de necessidade de apresentar a quebra do tradicional, concretizando essa ânsia em uma sanha demolidora de valores passados, uma desconsideração para com âncoras metafísicas, tais como o entendimento das Escrituras como Palavra de Deus que contém verdades proposicionais absolutas e confiáveis. Essa desconsideração resulta em formulações teológicas fluidas nas quais a apreensão humana é colocada como norteadora da compreensão do transcendente. Descartam-se princípios que eram aceitos como alicerces de uma boa teologia e subjugam-se a Escritura ao contexto social, acatando-se este como árbitro e chave hermenêutica de interpretação. Resumindo: o pós-modernismo latente nessas correntes, naturaliza a religião e extirpa o sobrenatural do relacionamento e comunicação entre o Criador e suas criaturas.

1. A ORIGEM: SÍNTESE DO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DE FORMULAÇÕES TEOLÓGICAS DESDE A REFORMA DO SÉCULO 16

O pensamento teológico foi liberto da escravatura da tradição medieval católica romana, com suas adições humanas à mensagem e liturgia da igreja, pela Reforma do Século 16. Desde então, um cerne de ortodoxia bíblica tem marcado a sua presença até os nossos dias. Apesar dessa resiliência da teologia reformada, nesse ponto marcante de inflexão na história da igreja, existe um registro contínuo de desvios, em sistemas teológicos propostos, de um caminho estritamente direcionado pela Escritura, para esquemas mais dilatados que acomodem especulações humanas. Estes surgiram, com frequência, sob a forma de rebuscados trabalhos acadêmicos e com a aparência de volumosas pesquisas. Entretanto, na realidade, refletiram correntes de pensamentos seculares e filosóficos que inundavam as academias. Uma tentativa recorrente de síntese pode ser observada com a cosmovisão de um mundo secularizado, buscando uma zona de conforto na qual pensadores e teólogos formais pudessem acolher visões religiosas distorcidas e obter legitimidade para seus voos intelectuais de destinos incertos e segurança dúbia.

Nesse sentido, observamos no período pós-Reforma do século 16 a ascensão do misticismo religioso no campo protestante, seguido pelo racionalismo do liberalismo teológico alemão.³ Estes deixaram suas marcas nas eras

³ Ainda que contraditoriamente grandes expoentes do liberalismo fossem místicos em sua prédica e escritos pessoais, como nos relembra Blackwell, um estudioso de Friedrich Schleiermacher. Ele registra que, de um lado, “Schleiermacher não tinha paciência com conceitos abstratos, quer fossem políticos, filosóficos ou teológicos”, que não tivessem “relação direta com e afetassem a vida real”. Por outro lado,

pré-moderna e moderna, enquanto, em paralelo, grandes desenvolvimentos intelectuais afluíam nas academias, bem como o mundo experimentava o surgimento das indústrias e profundas reorganizações sociológicas. Isso ocorreu primeiramente na Europa e, subsequentemente, no chamado Novo Mundo.

Essas duas correntes do século 19: o misticismo, exemplificado pelos Quakers, Shakers⁴ e outros “protomovimentos” místicos⁵ que resultaram no pentecostalismo do século 20, e o racionalismo alemão, que adentrou de forma avassaladora grandes seminários de renome dos Estados Unidos,⁶ dominaram o cenário teológico *avant garde* até as primeiras décadas do último século. Naquela ocasião uma reação, que se apresentou inicialmente como um resgate da religião verdadeira e da teologia bíblica, adentra a arena teológica – a neo-ortodoxia. Entretanto, no cômputo final a neo-ortodoxia é cooptada pelo subjetivismo do racionalismo alemão e se revela não uma contestação bíblica do liberalismo teológico, mas um escape místico às questões mais difíceis, como a veracidade dos milagres e a realidade da ressurreição, questões que são empurradas a uma supra história (*Heilsgeschichte*), que não se relaciona objetivamente com a chamada “história bruta”.

Possivelmente poderíamos classificar a primeira metade do século 20 como um *período de transição* entre a teologia *moderna* e a *contemporânea*. Referimo-nos à progressão do pensamento de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), passando por Søren Kierkegaard (1813-1855), Karl Barth

continua Blackwell, o seu misticismo aflora como uma “conscientização íntima e remanescente de que todas as coisas fazem parte de um todo” e que “nossa origem última permanece além do que é possível conhecer”. Muitas de suas expressões místicas são encontradas em cartas escritas em 1802 para Eleonore Grunow, uma mulher casada com quem Schleiermacher tencionava se casar após o divórcio dela – o que nunca ocorreu. BLACKWELL, Albert. “Schleiermacher’s Mysticism: A Letter to His Distant Beloved”. Blog: *Modalities*, 13 de março de 2015. Disponível em: <https://albertblackwell.blogspot.com/2015/03/schleiermachers-mysticism-letter-to-his.html>. Acesso em: 6 maio 2021. Essa via dupla do racionalismo e do misticismo demonstra como os extremos se tocam, pois em ambas as posições está ausente a centralidade da Escritura, como chave para compreensão de nós mesmos, da Terra em que habitamos, do Universo que nos cerca e do Deus que tudo criou.

⁴ FERNANDES, Rubeneide O. L. “Movimento pentecostal, Assembleia de Deus e o estabelecimento da educação formal”. Dissertação não publicada, Mestrado em Educação. Piracicaba: UNIMEP, p. 31-32.

⁵ Ver, por exemplo, MATOS, Alderi S. “Edward Irving: precursor do movimento carismático na igreja reformada”. *Fides Reformata* 1-2 (1996). Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/1_Edward_Irving_Precursor_do_Movimento_Carism%C3%A1tico_na_Igreja_Reformada_Alderi_Souza_Matos.pdf. Acesso em: 6 maio 2021.

⁶ BROWN, Ira. “The Higher Criticism Comes to America, 1880-1900”. *Journal of The Presbyterian Historical Society*, 38 (4). Philadelphia: The Presbyterian Historical Society, dez. 1960, p. 193-212. Disponível em: JSTOR: <http://www.jstor.org/stable/23325229>. Acesso em: 6 maio 2021.

(1886-1968), Paul Tillich (1886-1965), Rudolf Bultmann (1884-1976)⁷ e os filósofos analíticos,⁸ encerrando-se com os teólogos da “Morte de Deus”.⁹

Este foi um período marcado por um novo subjetivismo e por uma abordagem individualista, no qual definições e expressões linguísticas foram consideradas amorfas e reduzidas a praticamente serem sem sentido em si próprias, adaptáveis à compreensão e intenção individuais, tanto dos proponentes como de seus ouvintes ou leitores.

Semelhantemente, enquanto esse período de transição constrói uma ponte entre o moderno e o contemporâneo, podemos afirmar que praticamente todas as proposições teológicas novas que surgiram no século 20, a partir da década de 1960, poderiam ser classificadas como degraus para a ascensão do período e pensamento pós-moderno, no qual, como civilização, estamos submersos. Visualizamos em cada expressão dos pensamentos teológicos, desde os “Teólogos da Morte de Deus”, elementos do pós-modernismo, quer de maneira incipiente, quer de forma bastante explícita e madura, até que eles se juntam em um amalgamado que pode ser denominado Teologia Pós-Moderna.

Concentrando nossa análise da teologia moderna/contemporânea das últimas décadas – desde a Teologia da Esperança¹⁰ à Teologia Pós-Moderna, encontramos alguns temas subjacentes que se fazem presentes em cada variação ou ramo, e esses não dependem dos rótulos que os proponentes atribuem (ou recebem) em cada escola de pensamento.

Por exemplo, John Feinberg indica que uma característica presente nas formulações teológicas desse período é “a divinização do homem e a humanização de Deus”.¹¹ Devemos acatar a pertinência dessa análise, pois nunca

⁷ Para a afinidade desses teólogos com o pensamento de Hegel, ver: CREMER, Douglas J. “Protestant Theology in Early Weimar Germany: Barth, Tillich, and Bultmann”. *Journal of the History of Ideas* 56, n. 2 (1995): 289-307. Doi:10.2307/2709839. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁸ Também conhecida como “filosofia da linguagem”, procura expressar uma análise racional, lógica e matemática do pensamento – levando a conclusões puramente naturalistas sobre as grandes questões do universo e da vida. Como maiores expoentes, podemos citar Gottlob Frege (1848-1925), Ludwig Wittgenstein (1889-1951) e Bertrand Russell (1872-1970), autor do famoso livro *Porque Não Sou Cristão*. As raízes no pensamento alemão são evidentes em seus escritos, ainda que a grande popularização da corrente tenha ocorrido nas academias dos Estados Unidos e da Inglaterra.

⁹ Os “Teólogos da Morte de Deus” reavivaram o conceito hegeliano de que “Deus está morto” – indicando que a ideia de Deus do mundo ocidental tinha que ser revista e substituída por uma transcendência centrada na humanidade. Os dois expoentes modernos mais conhecidos foram William Hamilton (1924-2012) e Thomas J. J. Altizer (1927-2018). Os dois foram coautores do livro *Teologia Radical e a Morte de Deus* e forneceram combustível aos movimentos alienados, hedonistas, sensuais e existenciais da década de 1970, como os Provos, na Europa, e a onda hippie que tomou conta das Américas, nas décadas 1960-1970.

¹⁰ Um resumo dos pontos principais dessa vertente teológica será apresentado adiante. Ela surgiu no livro mais famoso do seu autor, originalmente publicado na Alemanha em 1964: MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

¹¹ FEINBERG, *Lecture 1*.

houve um período como o dessas décadas, na história mundial ou da igreja, que tratou Deus como sujeito e não soberano, e as pessoas mais como regentes dos seus próprios destinos do que como criaturas caídas necessitadas de redenção.

Submeto, entretanto, que existe outro tema que se faz igualmente presente nessas correntes teológicas recentes – a ideia de que é necessário *desconstruir* e *reconstruir*, ou, a ideia de que as atividades de *desconstrução* e *reconstrução* se constituem em *tarefas necessárias* ao campo da teologia. Nesse sentido, o teólogo deve desconstruir ideias, conceitos, metáforas, ideologias, esquemas de pensamento e convicções. Por outro lado, é necessário reconstruir, ou construir, todos esses aspectos, com base no sentimento de quais estruturas devem ser estabelecidas para trazer a sensação empírica de liberdade da opressão (de onde quer que proceda) aos proponentes e aos seus seguidores objetivados. É essa temática, da *desconstrução* e *reconstrução*, que queremos prescrutar, seguindo e explorando as suas consequências, e principalmente avaliando os reflexos no campo educacional cristão.

2. DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO: DA TEOLOGIA DA ESPERANÇA À TEOLOGIA DA NOVA ERA

Vamos examinar brevemente os conceitos de *desconstrução* e *reconstrução* nessas vertentes teológicas que preparam o caminho e reforçam os fundamentos do pensamento pós-moderno dentro da teologia e seus efeitos no campo educacional.

2.1 Teologia da Esperança

Jürgen Moltmann iniciou esse período na teologia contemporânea com a sua Teologia da Esperança,¹² na qual a escatologia – ou a esperança de um futuro que é possível e real – é o alicerce sobre o qual toda a interpretação teológica do mundo e da vida deve ser construída. Apesar do termo “desconstruir” não aparecer com ênfase na obra de Moltmann, sua abordagem teológica, conceitualmente, é exatamente isso: reverter a ordem pela qual a teologia tem sido abordada, que tradicionalmente começa com a avaliação dos dados sobre Deus na Escritura, sua natureza e suas obras, postulando que a escatologia é, na realidade, a fundação da teologia. Com a intenção de “fazer teologia”, Moltmann *desconstruiu* a estrutura teológica que tem sido utilizada há séculos. Não deveria surpreender que John B. Cobb, um teólogo moderno (do Processo), faz a seguinte afirmação sobre a Teologia da Esperança: “A abordagem de Moltmann é praticamente revolucionária em relação à tradição cristã dominante”.¹³

¹² MOLTSMANN, *Teologia da esperança*.

¹³ COBB, John. “North American Theology in the Twentieth Century”, ago. 1991. Disponível em: http://www.religion-online.org/cgi-bin/relsearchd.dll/showarticle?item_id=42. Acesso em: 23 mar. 2003.

Na sequência, Moltmann dá andamento à construção de sua própria teologia, especificamente redefinindo escatologia, esperança e salvação, trazendo todos esses termos a um relacionamento corporativo com a vida *aqui e agora*. Essa *reconstrução* inova menos do que pretende, porque não chega a se desligar completamente da Teologia Existencial. Como Moltmann enfatiza o lado corporativo da religião, e traz o foco para a vida no presente – como sendo, essencialmente, uma vida de esperança futura –, ele acabou por *construir* uma base adequada para as ideias da Teologia da Libertação.

2.2 Teologia da Libertação

Este ramo da teologia, geralmente associado aos escritos de Gustavo Gutierrez,¹⁴ popularizou-se essencialmente na América Latina e em outros países em desenvolvimento (anteriormente rotulados de *subdesenvolvidos*). A Teologia da Libertação também *desconstrói* os conceitos tradicionais do pensamento cristão, especialmente aqueles relacionados às ações que devem ser empreendidos em meio a uma sociedade que é considerada socialmente injusta. Ela preconiza que concentrar a visão no *futuro* gera aniquilação e cega os olhos às injustiças *presentes*. A perspectiva da igreja deve ser *reconstruída*, considerando a *libertação* como a tarefa primária da teologia, do cristianismo e da sociedade como um todo. Essa libertação, ou salvação, é de todas as formas de opressão, mas é definida, prioritariamente, como libertação de condições de pobreza de uma classe que se encontra sob a regência de outra classe dominante – a classe opressora. A classe oprimida deve ser salva, também, da opressão econômica e política. Cobb registra a conexão da Teologia da Libertação com a Teologia da Esperança, quando afirma: “Na prática, a Teologia da Libertação da América Latina segue um modelo semelhante ao de Moltmann”.¹⁵ Chamo atenção para terminologia utilizada por Cobb, que mostra o conceito de *desconstrução/reconstrução* implícito em seus elogios proferidos na análise da Teologia da Esperança. Referindo-se a teólogos da libertação, ele diz: “Eles foram brilhantemente bem-sucedidos em construir um sistema teológico completo com base nessa [nova] hermenêutica”.¹⁶

Encontramos também a Teologia da Libertação providenciando uma zona de conforto para outras formas de teologias de “classes” ou de “minorias” que se consideram “oprimidas” por qualquer outro segmento da sociedade. Este é o caso da Teologia Gay. Robert Goss, explicando e defendendo essa vertente “teológica” deixa clara a conexão: “A Teologia da Libertação é provavelmente o melhor termo para servir de guarda-chuva para o que está acontecendo [no cenário teológico]. Porque ela atinge a raiz da cultura, os conservadores

¹⁴ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1985.

¹⁵ COBB, “North American Theology”.

¹⁶ Ibid.

têm problemas com ela, como nos dias de Jesus. Esses conservadores, como os entendo, estão na realidade interessados na conservação do *status quo* de relações de poder...”.¹⁷ A ideia de *desconstrução* e *reconstrução* fica bem evidente na apresentação do livro de Goss:

O trabalho do Rev. Goss é um de desconstrução e reconstrução. Ele desconstrói o Cristo que se assenta entronizado e abençoa com decretos divinos os preconceitos e as relações de poder, e encontra, no meio de tudo isso, o Jesus que questiona os relacionamentos de poder dos seus dias e que [ele próprio] desconstrói à sua própria maneira.¹⁸

Um exemplo adicional desses ramos teológicos enxertados ou que brotam da Teologia da Libertação é visto na “Teologia Racial”, na qual também encontramos os conceitos de *desconstruir/construir*. Fazendo referência, nesse sentido, ao artigo de Maria-Cristina Ventura, “Desconstrução e Reconstrução Teológica na Luta contra o Racismo”, lemos o seguinte em sua introdução: “A desconstrução teológica, que leva a uma reconstrução, é essencial para um entendimento da teologia na luta contra o racismo. O exercício de desconstrução implica em questionamento e na confrontação da teologia...”.¹⁹ Mais recentemente, os pontos fundamentais da Teologia da Libertação têm sido veiculados no meio protestante como Teologia Pública e Teologia da Missão Integral (TMI).

2.3 Teologia Feminista

Não precisamos ir muito além do título do livro de Elisabeth Schüssler Fiorenza, para localizar o tema de “desconstrução e reconstrução” na Teologia Feminista. Essa famosa porta-voz feminista também constrói sobre a base fornecida pela Teologia da Libertação, para desenvolver um *Gestalt* teológico que busca libertar as mulheres de uma estrutura supostamente dominada pelo sexo masculino. Ela escreveu “Em Memória Dela: Uma Reconstrução Teológica Feminista das Origens Cristãs”.²⁰ Em outro livro, Fiorenza indica que a hermenêutica feminista de libertação deve desconstruir tradições opressoras e identificar imagens e argumentos diferentes daqueles que são identificados com o sexo masculino.²¹

¹⁷ GOSS, Robert. *Jesus Acted Up: A Gay and Lesbian Christian Manifesto*. Nova York: Harper & Row, 1993.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ VENTURA, Maria-Cristina. “Theological Deconstruction and Reconstruction in the Fight against Racism”. Disponível em: <http://www.wcc-coe.org/wcc/what/jpc/echoes/echoes-17-06.html>. Acesso em: 6 maio 2021.

²⁰ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. New York: Crossroads, 1983.

²¹ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Jesus, Miriam's Child, Sophia's Prophet: Critical Issues in Feminist Christology*. New York: Continuum Publishing Group, 1995, p. 33.

Desconstrução é também um tema básico para a Teologia Feminista no entendimento de David Rutledge, que escreveu “Leitura Marginal: Feminismo, Desconstrução e a Bíblia”.²² De acordo com a compreensão da Teologia Feminista, deve-se *desconstruir* todas as metáforas e linguagem opressoras, que falseiam o entendimento da divindade e ajudam a perpetuar a opressão das mulheres em toda parte. Semelhantemente, é necessário *reconstruir* estruturas teológicas centradas em um simbolismo e terminologia feministas, que mais adequadamente refletem os cuidados e a nutrição que fluem da divindade; dessa forma, se promoverá a alforria e libertação das mulheres, e será atribuído um papel mais justo para os homens.

2.4 Teologia do Processo

A Teologia do Processo contesta o “Teísmo Clássico” e se propõe a descrever mais adequadamente a divindade e o entendimento metafísico da estrutura da realidade. Para atingir esse objetivo, necessita *desconstruir* a apreensão transcendente de Deus e reconstruí-lo em torno de sua imanência e de sua “preensão”²³ dos outros seres reais. Ela se apresenta como sendo uma forma mais científica de olhar a realidade e de abordar o pensamento teológico, mas, ao desconstruir informações disponíveis sobre o Deus da Bíblia, termina por reconstruí-lo como um deus totalmente passivo, praticamente impotente, que procura atrair e persuadir e pretende influenciar, mas que nunca age positivamente para estabelecer sua vontade e seu propósito. James Ashbrook, um teólogo do processo do Garrett Evangelical Theological Seminary, mostra esse viés desconstrucionista, quando, apresentando uma das características dessa linha de pensamento – convicções ou crenças que estão sempre mutantes ou em *processamento* – descreve-se a si mesmo dessa maneira:

Sou um cético místico, um crente descrente. Participo daquilo que eu questiono; mais especificamente: construo a realidade de acordo com o paradigma de um Deus cheio de graça, exemplificado nas tradições judaico-cristãs (plurais) e que faz sentido à luz do que aprendemos nas neurociências. Sou influenciado por práticas Zen; medito e oro regularmente como parte de minha vida. Tento desconstruir a teologia com a finalidade de reconstruí-la à luz da experiência; e em um mundo carregado de opressão, compartilho com outros, como testemunho, uma realidade iluminada pela justiça e pelo amor.²⁴

²² RUTLEDGE, David. *Reading Marginally: Feminism, Deconstruction, and the Bible*. Leiden; New York: Brill, 1996.

²³ “Preensão” (*prehension*), na terminologia da Teologia do Processo, é um tipo de compreensão sem o elemento cognitivo, ou uma forma inconsciente de relacionamento e de compartilhamento das atividades da vida pela e com a divindade.

²⁴ ASHBROOK, James. “Our Illusory Relation to God – A Neurotheological Approach” (palestra). Texto da nota autobiográfica na programação da workshop: “Institute on Religion in an Age of Science,

2.5 Teologia da Nova Era

John Feinberg aponta que a Teologia da Nova Era não surgiu como um ramo que cresceu dos círculos acadêmicos, mas é uma importante linha de pensamento que deve ser considerada, devido aos rápidos avanços feitos na sociedade e pela popularidade observada em alguns segmentos da igreja cristã.²⁵ Ela tem produzido uma abundância de escritos, a maioria desses com características populares, mas deles podemos aferir seus temas principais. Em um relatório que esboça “As atividades da Nova Era na Igreja Episcopal”, observamos os avanços que essa filosofia, mais do que uma teologia, têm feito naquela denominação, além de trazerem à tona os sempre presentes temas de *desconstrução/reconstrução*. O relatório registra as seguintes palavras do Rev. Matthew Fox:

O que é a redescoberta do Cristo cósmico se não uma desconstrução da “cristologia do poder” que estabeleceu o império cristão no Concílio de Nicéia no quarto século, e uma reconexão com a tradição bíblica mais antiga de Cristo como a sabedoria cósmica presente em todos os seres?²⁶

Vemos esse posicionamento de *desconstrução*, neste e em outros trabalhos escritos de teólogos da Nova Era, de conceitos tradicionais do teísmo e da história da redenção – como sendo um caminho exclusivo apresentado pela fé cristã – pois essa “teologia” *reconstrói* a conexão com a divindade como sendo algo que está presente em todos nesta religiosidade inclusiva, agora denominada de “religião cósmica” ou de “sabedoria cósmica”.

Encerramos este segmento da nossa análise indicando que Groothuis, quando relaciona os temas principais que caracterizam a teologia da Nova Era, destaca este em primeiro lugar: “Tudo é um... Quaisquer diferenças perceptíveis... são apenas aparentes e não reais”.²⁷ Este é o resultado do conceito de reconstrução da Teologia da Nova Era e podemos ver a harmonia e sobreposição com as ideias do Pós-Modernismo, que enfatiza construções subjetivas. Considerando que tudo é o mesmo, aponta Feinberg,²⁸ uma pedra pode não ser uma pedra, é apenas percebida como uma pedra, e assim por diante. Dessa maneira, está preparado o palco para o Pós-Modernismo.

38th Annual Star Island Conference” (Portsmouth, NH, 27/07 a 03/08/1991). Disponível em: www.iras.org/conferences/abs1991.pdf. Acesso em: 20 mar. 2003.

²⁵ FEINBERG, Lecture 17.

²⁶ COHEN, Elaine. “Matthew Fox: Techno Cosmic Mass Heralds New Spirituality”. In: *Conscious Life*, julho 1999, p. 11. Citado por PENN, Lee (1999, 2004). “The New Age Movement in the Episcopal Church”. Disponível em: https://www.evangelizationstation.com/htm_html/New%20Age/new_age_movement_in_the_epis.htm. Acesso em: 6 maio 2021.

²⁷ GROOTHUIS, Douglas. *Unmasking the New Age*. Downers Grove, IL: IVP, 1986, p. 18.

²⁸ FEINBERG, Lecture 17.

3. DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO NA TEOLOGIA PÓS-MODERNA

Se o tema de *desconstrução/reconstrução* esteve presente em cada uma dessas cinco escolas de pensamento teológico, é no pós-modernismo que encontramos o seu ápice. Daniel J. Adams, depois de apresentar e discutir três características do pós-modernismo – 1) declínio do Ocidente e do pensamento ocidental (dilema do secularismo x devoção pessoal); 2) questionamento das metanarrativas (verdades fundacionais autoritativas) e 3) disseminação da informação (o “mercado” intelectual) – relaciona a quarta da seguinte forma: “Uma quarta característica da era pós-moderna é aquela que ficou conhecida como o processo de desconstrução. Desconstrução é exatamente o que está expresso no significado implícito da palavra: é desmembrar textos de maneira semelhante a tirar as camadas de uma cebola. É um processo intencional”.²⁹

Jacques Derrida, o famoso filósofo pós-moderno de origem argelina, mas de nacionalidade francesa, que tem tido um impacto substancial no pensamento filosófico e pós-moderno, escreveu:

Por que se envolver em um processo de desconstrução, em vez de deixar as coisas como estão etc.? Nada aqui se processa sem uma medida de forças em algum momento. Desconstrução, tenho insistido, não é algo *neutro*. É uma *intervenção*.³⁰

Adams, anteriormente citado, analisa o pensamento do pós-modernista Ernest Gellner, que escreveu sobre razão e religião,³¹ afirmando:

... desconstrução tem uma implicação profunda para a teologia, considerando que a “verdade objetiva deve ser substituída pela verdade hermenêutica”. Isso significa que os textos sagrados, como a Bíblia, não possuem um significado último nem são textos autoritativos. Na realidade a rede ou a teia de relacionamentos fora do texto podem determinar tanto o significado do texto, como a natureza de sua autoridade. Um exemplo disso, dentro da tradição presbiteriana-reformada, é a controvérsia formada em torno da ética sexual e as maneiras nas quais posições diferentes têm sido propostas apoiadas na interpretação dos textos bíblicos. Uma leitura tradicional do texto e uma desconstrução pós-moderna do texto resultam em interpretações com enormes diferenças entre si.³²

²⁹ ADAMS, Daniel J. “Toward a Theological Understanding of Postmodernism”. publicado inicialmente em *Metanoia* (Praga): primavera-verão 1997. Disponível em: <http://www.crosscurrents.org/adams.htm>. Acesso em: 6 maio 2021.

³⁰ Extraído de uma carta de Jacques Derrida a Jean-Louis Houdebine, citado em DERRIDA, Jacques. *Positions*. Trad. Alan Bass. Chicago: University of Chicago Press, 1981, p. 93.

³¹ GELLNER, Ernest. *Postmodernism, Reason and Religion*. London: Routledge, 1992, p. 35.

³² ADAMS, “Toward a Theological Understanding”.

Podemos observar, conseqüentemente, a contradição que existe entre o pensamento e a teologia pós-moderna (com essa ênfase na desconstrução) e os absolutos do teísmo clássico, especialmente a noção da existência da verdade absoluta, que pode ser percebida por seres racionais, mesmo não sendo de forma exaustiva, mas pelo menos de forma parcial, e ainda assim verdadeira. Um artigo por Robert Goizueta, professor de teologia do Boston College, aborda essa questão com clareza:

A desconstrução pós-moderna do sujeito e a rejeição de todas as chamadas metanarrativas levam à dúvida sobre a própria possibilidade de se fazer quaisquer declarações normativas. Simplificando, a verdade é frequentemente reduzida a uma questão de um significado ambivalente ou utilitário: a fé é algo que tem significado ou tem utilidade para mim? A fé dos pobres tem significado ou utilidade para eles? Ela os auxilia? Ela os liberta?³³

Além disso, essa identificação do pós-modernismo com *desconstrução* é estabelecida e definida pelo pesquisador e historiador Robert Chandler, que escreve: “O pós-modernismo, ou a ‘desconstrução’, postula que nada é neutro – observação, linguagem, preservação de registros, documentos, narradores ou escritos. Objetividade é um mito e valores absolutos não existem”.³⁴ Conseqüentemente, o pós-modernismo é, em sua própria essência, contrário à noção dualística, que contrasta verdade com falsidade, certo com errado e assim por diante. Obviamente, o cristão não é dualista, no sentido de que existe um Deus regente do universo, no qual ele crê, que rege todas as coisas, e não forças sempre opostas que regem impessoalmente os destinos das pessoas. No entanto, a Bíblia expressa que existem, sim, posições e situações contrastantes em várias áreas. É interessante observarmos como o pós-modernismo perturba até o pensamento oriental, dualista (e equivocado) ao extremo, mas que reconhece alguns contrastes inevitáveis da realidade, que não se encaixam na visão amorfa do pós-modernismo. Nesse sentido, sem que tenhamos que concordar com tudo, um partidário da filosofia oriental, Balbinder Singh Bhogal, ex-professor visitante da University of Derby (atualmente, um escritor prolífico e membro do corpo docente da Hofstra University),³⁵ expressa sua crítica ao pós-modernismo assim:

³³ GOIZUETTA, Robert. *God First Loved Us: Reflections on the Theological Grounds of Liberation*. Disponível em: <https://www.livedtheology.org/wp-content/uploads/2015/05/20120424PPR.01-Roberto-S.-Goizueta-God-First-Loved-Us-Reflections-on-the-Theological-Grounds-of-Liberation.pdf>, p. 8. Acesso em: 6 maio 2021.

³⁴ CHANDLER, Robert J. Resenha de: “Contested Eden: California Before the Gold Rush”. GUTIERREZ, Ramon e ORSI, Richard (Orgs.). *The Journal of San Diego History*, 44, n. 4 (outono 1998), p. 44 (4). Disponível em: <https://sandiegohistory.org/journal/1998/october/eden/>. Acesso em: 6 maio 2021.

³⁵ Long Island, N.Y. Ver: <https://hofstra.academia.edu/BalbinderSinghBhogal>. Acesso em: 6 maio 2021.

O pensamento pós-moderno desafia dualidades hierárquicas e herdadas e revela uma nova forma de pensar, que emerge desses dualismos como um processo natural de desconstrução-construção-desconstrução... Esse pensamento obscuro esmaece os limites de um dualismo que existe às claras, como o sagrado e o secular, luz e trevas, o bem e o mal, certo e errado, Deus e o homem, o infinito e o finito, o numenal e o fenomenal, o espírito e a matéria, deus-pai e mãe terra.³⁶

David Griffin, na introdução ao seu trabalho de múltiplos autores, identifica um ramo do pós-modernismo que para no estágio da *desconstrução* sendo, assim, harmônico com suas premissas – se o *pluralismo* e a *diversidade* é o que conta, por que reconstruir? Ele aponta para o pensamento desconstrutivo ou eliminador do pós-modernismo: “O pós-modernismo filosófico é inspirado de diversas formas pelo pragmatismo e fisicalismo; por Ludwig Wittgenstein, Martin Heidegger e Jacques Derrida e outros pensadores franceses recentes”.³⁷

No entanto, no final das contas, em um sistema onde a desconstrução reina descontroladamente, segue-se a reconstrução de uma forma subjetiva, sem padrões, que foram igualmente desconstruídos com o restante. A reconstrução ocorrerá na linguagem, nas artes, no pensamento teológico e religioso, com cada pessoa construindo sua própria imagem da realidade, de acordo com a apreensão subjetiva das realidades – o que quer que sejam estas. Thomas Hopko, presidente do St. Vladimir Seminary, escreveu pertinentemente sobre essa condição na qual encontramos o mundo pós-moderno:

Em uma sociedade moderna e secularizada, a linguagem, as estruturas, os símbolos e rituais clássicos, e o cristianismo bíblico permanecem, enquanto os seus conteúdos e significados são radicalmente alterados. Na desconstrução pós-moderna da cosmovisão moderna – por intermédio de um existencialismo radical, cultural e pessoal; pela revolução sexual; pela busca incessante do místico; pela politização da teologia e da ética; e pela explosão do hedonismo e avareza espiritual e material – a linguagem tradicional, as estruturas, os símbolos e rituais são recriados ao ponto em que os seus conteúdos e significados originais não mais existem, mas são substituídos por uma completa nova reconstrução da realidade.³⁸

³⁶ BHOGAL, Balbinder Singh (1995). “Glimpses of Postmodernism (Deconstruction) and Religion”. Palestra proferida no *School of Oriental and African Studies Post-Graduate Seminar*, nov. 1995. Disponível em: <http://www.multifaithnet.org/mfnopenaccess/research/online/seminar/bbglimpes.htm>. Acesso em: 16 mar. 2003.

³⁷ GRIFFIN, David Ray; BEARDSLEE, William A.; HOLLAND, Joe. *Varieties of Postmodern Theology*. Albany: State of New York University Press, 1989, p. xii.

³⁸ HOPKO, Thomas. “Orthodoxy in Pluralistic Post-Modern Societies”. *The Ecumenical Review*, 51, p. 364-371. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1758-6623.1999.tb00404.x>. Acesso em: 6 maio 2021.

Assim, temos visto esse tema recorrente de *desconstrução/reconstrução* nesse período contemporâneo de desenvolvimento teológico, desde a Teologia da Esperança em diante, e a sua forte presença no pensamento filosófico e teológico pós-moderno. Aonde isso levará quando tratamos dessas influências no campo da educação?

4. O QUE ACONTECE QUANDO NÃO HÁ NADA A DESCONSTRUIR?

E se existir uma área da realidade onde não há estrutura de pensamento para *desconstruir*? Se ela existe, então não há que se falar sobre *reconstruir* algo que não foi *desconstruído*. A área de educação, mais especificamente a educação das crianças, se apresenta para o enquadramento nesta categoria. Não me refiro aos processos metodológicos da educação, pois nesses certamente a mente pós-moderna encontrará amplo campo para *desconstrução* e *reconstrução*. Faço referência à área cognitiva da criança: o que ocorre na sua mente nos primeiros estágios de aprendizado em sua existência: como o conhecimento chega até ela? O que, na realidade, é conhecimento? É algo que é transmitido, comunicado e ao qual ela é conduzida e levada a assimilar?

Os trabalhos escritos nesta área têm mantido paridade com o pensamento contemporâneo e com desenvolvimentos teológicos, especialmente neste período pós-moderno, onde se questiona a realidade de tudo (ou o conhecimento concreto), exceto as apreensões subjetivas na mente das pessoas. Tratando da mente de crianças, admitem que não há nada para *desconstruir*, mas sim para *construir*. No entanto, nessa abordagem, o conhecimento não é, e nem deve, ser transmitido – de alguma forma indescritível esse conhecimento vai brotar, ou ser *construído*, autonomamente. Tentativas de transmissão a alguém de dados, da realidade, como em processos de ensino-aprendizagem tradicionais, resultam tão somente em distorção da realidade subjetiva dessa pessoa, que deve ser facilitada tão somente para caminhar por um processo de construção de sua própria compreensão do mundo e da vida. E assim nasce o *construtivismo*.

4.1 A ferramenta adequada do pós-modernismo

O Construtivismo, ainda que plantado na primeira metade do século 20, tomou forma, desenvolveu-se e popularizou-se na segunda metade daquele século. Cresceu, portanto, paralelamente e em sobreposição ao pós-modernismo. Podemos afirmar que o construtivismo se encaixa perfeitamente no subjetivismo de pensadores pós-modernos, de tal forma a poder funcionar como a ferramenta educacional do pós-modernismo. Dennis McCallum, conhecido conferencista e autor sobre esta filosofia, coloca a conexão da seguinte maneira:

O construtivismo é a teoria de aprendizagem principal subjacente à educação pós-moderna. De acordo com construtivistas, o conhecimento não é descoberto,

como afirmam os modernistas. Todo conhecimento é inventado ou “construído” na mente do aprendiz. Não poderia ser de outra maneira, dizem os pós-modernistas, porque as ideias que os professores ensinam e os alunos aprendem, não correspondem a qualquer realidade objetiva. São tão somente construções humanas. Conhecimento, ideias e linguagem são criados por pessoas, não porque sejam “verdade”, mas porque têm utilidade.³⁹

Já há algumas décadas o construtivismo tem sido “vendido” como uma metodologia de ensino, mas ele se apresenta, na realidade, como um sistema filosófico do processo de ensino-aprendizagem, chegando, adicionalmente, a postular teorias sobre a formação de valores morais e do julgamento do certo e errado na concepção mental das crianças. Suas raízes foram fincadas em solo europeu pelo pesquisador Jean Piaget (1896-1980) e suas conclusões adotadas amplamente por psicopedagogos. A popularização na América Latina foi uma consequência inevitável da influência europeia na área educacional dessa região, especialmente no Brasil, onde tornou-se o cerne majoritário do ensino nos cursos de pedagogia de universidades. Professores cristãos assim treinados, iludidos pela ideia de que estão apenas aprendendo uma “metodologia” de vanguarda, absorvem pontos cruciais que contradizem a revelação bíblica. Via de regra experimentam o sentimento de que “algo está errado”, mas têm dificuldade em fazer uma análise depuradora mais profunda, que identifique as falhas metafísicas, epistemológicas e teológicas do construtivismo.⁴⁰

Nos Estados Unidos da América, berço de tantas escolas de pensamento na área educacional, o construtivismo tem feito avanços significativos. Já em 1999 a revista especializada do campo, “*Educational Leadership*”, devotou um exemplar inteiro à “sala de aula construtivista”, no qual vários artigos, relató-

³⁹ MCCALLUM, Dennis. *The Death of Truth: What is wrong with Multiculturalism, the Rejection of Reason and the New Postmodern Diversity*. Minneapolis: Bethany House, 1996, p. 99.

⁴⁰ Não é a intenção, neste artigo, fazer uma exposição e refutação detalhada do construtivismo. O objetivo é demonstrar a ligação do construtivismo com o pós-modernismo e os conceitos teológicos precedentes. Sobre o construtivismo, em todos os seus aspectos, o autor já publicou diversos ensaios e livros, aos quais direciona os leitores interessados no aprofundamento e estudo do tema: PORTELA NETO, F. S. O que estão ensinando aos nossos filhos? *Fides Reformata* V-1 (2000), p. 71-96. PORTELA NETO, F. S. Pensamentos Preliminares Direcionados a uma Pedagogia Redentiva. *Fides Reformata* XIII-2 (2008), p. 125-154. PORTELA NETO, F. S. Resgatando o Papel do Professor na Escola Confessional como Transmissor de Conhecimento e da Verdade: Reflexões e Propostas Seminais. *Fides Reformata* XXV-1 (2020), p. 63-75. PORTELA NETO, F. S. *O que estão ensinando aos nossos filhos: uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando a resposta da educação escolar cristã*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012. PORTELA NETO, F. S. “Construtivismo no Cenário Brasileiro”. In: *Fundamentos Bíblicos e Filosóficos da Educação. Série Perspectivas Cristãs da Educação*. São Paulo: ACSI Brasil, 2005. PORTELA NETO, F. S. “Issues Faced by Education in the 21st Century”. *Fides Reformata* XXVI-1 (2021). PORTELA NETO, F. S. *Visão cristã sobre educação escolar*. Campina Grande, PB: Visão Cristã, 2015.

rios e até os colunistas regulares, concentraram os textos em uma exposição elogiosa que destacava a excelência do construtivismo.⁴¹

Simplificadamente, o “construtivismo postula que o conhecimento é algo que cresce subjetiva e individualmente”. “Nesse sentido, não é algo que deve ser ministrado ou transmitido pelo professor”. O mestre, diferente de antigamente, deve ser um mero “agente facilitador nesse processo de crescimento” cognitivo.⁴²

O relacionamento entre o pós-modernismo e o construtivismo é deixado claro por Dennis McCallum, analisando o posicionamento dos pós-modernistas quanto ao papel dos professores e à questão da verdade:

De acordo com os pós-modernistas, os educadores são facilitadores que abrigam preconceitos e são co-construtores do conhecimento. Se toda realidade não existe “lá fora”, mas somente na mente daqueles que a percebem, então ninguém pode reclamar para si o papel de autoridade. Todas as versões da verdade são meramente criações humanas. Educadores – quer sejam professores em salas de aula, pesquisadores ou autores de livros didáticos – não são objetivos, nem autoridades legítimas. Em vez disso, visualizam a educação partindo de suas próprias perspectivas construídas e cheias de preconceitos. Consequentemente, não possuem qualquer relacionamento “privilegiado” com a verdade.⁴³

4.2 Incompatibilidades com o conceito bíblico da educação

Já verificamos que a teologia contemporânea, nos vários ramos principais aqui tratados, e o pós-modernismo, convivem em perfeita e plena harmonia. Esse relacionamento é possibilitado pela temática *desconstrução/reconstrução* que costura todas essas correntes de pensamento. Nesse solo fértil, um entendimento *construtivista* no campo educacional se encaixa sem dissonância. Mas a preocupação maior é com a educação escolar cristã. Muitas vezes o conceito pedagógico de escolas e educadores procura amparo em teologias que teimam em se utilizar de terminologia bíblica para destruir as próprias diretrizes das Escrituras. Assim, terminam confundindo estas escolas e educadores, pela suposta “cristianização” de conceitos totalmente antagônicos ao que a Palavra de Deus ensina sobre a natureza humana, a assimilação cognitiva e a necessidade de firmar a prática pedagógica em princípios e valores eternos que dela emanam. Tanto pelas premissas pós-modernistas como pela dos construtivistas, nunca teríamos condição de saber se a verdade objetiva existe. Qualquer dado pode significar uma série de “verdades” diferentes, dependendo das pessoas que tomam contato com esses dados. McCallum elucida: “Uma visão plena-

⁴¹ *Educational Leadership*, 57, n. 3 (novembro de 1999).

⁴² PORTELA NETO, F. S. O que estão ensinando aos nossos filhos? *Fides Reformata*, V-1 (2000), p. 72.

⁴³ MCCALLUM, *The Death of Truth*, p. 99.

mente construtivista e pressuposições metafísicas estáticas são mutuamente excludentes”.⁴⁴

A fé cristã é fundamentada, e o processo de ensino-aprendizagem cristão deveria ser ordenado, na existência de âncoras metafísicas estáticas. Não somente Deus é transcendente (está além da realidade física) e é imutável, mas ele nos lega realidades objetivas, a partir de sua pessoa: Deus é a fonte das coisas reais, ele elucida a realidade (Deus imanente), e nele não há sombra de mudanças (Tg 1.17 e Ml 3.6). A verdade é personificada (Jo 14.6) em Cristo (Deus conosco) e é objetivamente relatada nas Escrituras (Jo 17.7). A ressurreição, por exemplo, é realidade objetiva, relatada por testemunhas, e não um reflexo subjetivo do objeto com a mente ou uma ilusão criada na mente de pessoas alucinadas (1 Co 15).

Em outra faceta, o processo pedagógico contemporâneo tem enaltecido o conceito da *educação disruptiva* como “uma das palavras-chave do século 21”, na qual toda prática deve ser questionada e todo paradigma tradicional descartado, ou *desconstruído*, “rompendo com o estabelecido”.⁴⁵ A educação escolar cristã não deve ser refratária a novas metodologias, mas preza e constrói em cima de verdades estabelecidas. Ela pode reverter transitoriamente o processo, mas não romper com “o estabelecido”, principalmente se este “estabelecido” forem conceitos e princípios bíblicos. A Bíblia aponta para a importância de sermos fiéis ao corpo de doutrinas (ensinamentos) previamente reveladas, ou seja, a manutenção da “analogia da fé” (Rm 12.6).

Semelhantemente, a ideia contemporânea da sala de aula invertida (*flipped classroom*)⁴⁶ deve ser utilizada com cuidado por educadores e escolas cristãs. Se falamos de momentos em que os alunos são levados a reverter os papéis em algumas ocasiões, ou intermitentemente, vemos paralelo com as diretrizes de Jesus aos discípulos, para que fossem de dois em dois a colocar em prática o que estavam aprendendo (Mc 6.7). Ou, no caso da mulher samaritana, que, tendo sido ensinada (Jo 4.7-26), passa a ensinar (Jo 4.39). No entanto, essa metodologia educacional pós-moderna postula, mais uma vez, a *desconstrução* completa das práticas de ensino, pois o momento do encontro presencial contempla tão somente discussão dos assuntos, reduzindo o papel do professor a um dos pares na classe.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Publicação Institucional do Grupo Espanhol *Iberdrola*, sem designação de autor: “Uma educação disruptiva para enfrentar os desafios do futuro”. Disponível em: <https://www.iberdrola.com/talentos/educacao-disruptiva>. Acesso em: 6 maio 2021.

⁴⁶ Método de ensino através do qual a lógica da organização de uma sala de aula é invertida por completo. Ver CARVALHO, Rafael. “Como funciona a sala de aula invertida”? 18 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.edools.com/sala-de-aula-invertida/>. Acesso em: 6 maio 2021.

CONCLUSÃO

O pensamento e a teologia pós-moderna, quando acoplados ao construtivismo na esfera educacional, com essa força demolidora de *desconstrução/reconstrução*, e uma negação latente da possibilidade de aquisição do conhecimento do real, contrasta com a cosmovisão cristã, seus princípios e valores, extraídos da Bíblia. Como cristãos, não devemos temer revisões de comportamentos, procedimentos ou processos, desde que as mudanças sejam efetivadas de acordo com padrões esquecidos ou negligenciados. Na realidade, nessas situações, devemos até liderar as “desconstruções”. A Reforma do Século 16 fez exatamente isso. Devemos estar sempre alerta para desconstruções e reconstruções que sejam um fim em si mesmas, descartando a sabedoria do passado e os princípios da Palavra de Deus. A teologia da Reforma, com sua ênfase nas Escrituras Sagradas como única fonte autoritativa e inerrante de conhecimento religioso, metafísico e epistemológico, deve se posicionar no centro de todos os esforços intelectuais e pedagógicos de cristãos comprometidos com a verdade.

ABSTRACT

This article traces the theological development of the 20th century dividing it into two parts: the first half showing the transition from consolidated 19th century liberalism to modern/contemporary theology, and the second half, the road paved to postmodern theology. The author demonstrates that the underlying theme of *deconstruction* and *reconstruction* of major tenets, with an increasing departure from biblical directives, is always present in modern/contemporary theology. This is shown, especially, in five schools of theological thought: *Theology of Hope*, *Liberation Theology*, *Feminist Theology*, *Process Theology*, and *New Age Theology*. All these share the postmodern thought and belittle the Bible as the inerrant Word of God. At the same time, they provide feedback to Postmodern Theology raising doubts about biblical and traditional eternal principles and values. Trends that appear in these theological schools of thought are similar to those being experienced in the field of education, some of which have profound impact on the Christian teaching-learning process. With its subjective approach to reality, postmodernism has subverted key pedagogical concepts, has undermined the role of the teacher, and has submerged schools in a crisis of authority. An appeal is made to have a solid biblical foundation for any philosophy of Christian school education, which should be grounded in sound theology.

KEYWORDS

Christian education; Constructivism; Contemporary theology; Deconstruction and reconstruction; Piaget; Postmodernism; Postmodern theology; Theological liberalism.